A PRINCESA DE BELÉPSIAH
E outras histórias

ROGÉRIO SILVÉRIO DE FARIAS

A PRINCESA DE BELÉPSIAH

E outras histórias

Tubarão
2011

Copyright © Rogério Silvério de Farias
Abril de 2011
Primeira edição
Revisão, copidesque, capa e diagramação:
Damon Tylard & Di Almmo (Ekipe Makabra)

Em meus anseios mais insanos a Eternidade, como uma deusa-mãe, me acena, solícita; bem-aventurada seja toda vontade adorável e contraditoriamente insana de viver e morrer, pois assim se passará rapidamente por este caudaloso e estranho rio de ilusões, o Tempo.

SUMÁRIO

Apresentação, 09

Como nascem as bruxas, 14

O eu intruso, 19

A princesa de Belépsiah, 37

Penélope espera uma rosa, 44

O crime na rua do cemitério, 49

O estranho que apareceu, 55

O ultimato de Oannes, 60

A maldita choupana dos delírios, 66

O pranto dos deuses astronautas, 73

Descansa em paz, 78

A vingança de Fernando Juan Cuervo, 89

APRESENTAÇÃO

Minha angústia endiabrada rodopiou nas místicas dores do parto deste livro, tal qual esfuziante bailarina ao som da música do caos mental e da epifania das musas; destarte, eu, na doce agonia de mil sonhos e quimeras, por fim relinchei dentro da noite vazia e solitária; o cavalo insano que é meu anseio de engendrar de súbito relinchou nesta baia fétida e decadente na qual foi transformada a vida. O cavalo-desejo queria criar, e assim fugiu, escoiceando o traseiro dos deuses da Arte e da Literatura, e no transporte da carreira, eu ─ o homem-cavalo ─ vesti a pele de um centauro, deixando vir a outra transformação delirante subsequente: a transformação dos sonhos em realidade através da magia das palavras. Então o mais terrível dos egos inflou e estourou. Reconheci a verdade, e ela cheirava mal. Então quis galopar livre e indomável, observando a paisagem contemporânea de forma clara através do véu da imaginação. E assim foi. E num átimo o cavalo transformara-se em leão, e depois rugira como um estentor visionário. Chegada era a hora do leão nas savanas douradas da vontade de criar... Como um deus... Ou como um demônio. E depois do leão, virei centauro sem cabeça – criança grande. Para o reino do céu da criação literária, não há que ser como um menino?

Eia! Avante!...Três transformações do espírito mencionou o pensador delirante Nietzsche na boca de seu Zaratustra: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente em criança. Disse também o pensador que filosofava a golpes de martelo: Há muitas coisas pesadas para o espírito forte, sólido e respeitável, e que a força deste espírito está clamando por coisas pesadas, e das mais pesadas. Pois é como

eu disse parágrafos atrás: digo que para ser escritor é preciso passar por três transformações do espírito: o escritor torna-se cavalo, depois leão, e por fim, centauro sem cabeça - criança. Um místico centauro mental para galopar sem peias por pradarias de mil imaginações.

Galopou minha mente como um centauro sem cabeça por mil pradarias selvagens e inóspitas de uma imaginação inaudita, e com ela trotou meu sonho mais delirante, num galope cheio de quimeras e verdades douradas; trotou espartanamente, pisoteando sem piedade o "horror metuendo" do nada das horas dos mortais comuns (meras ovelhas apascentadas pelo tédio de falsos pastores e falsos deuses?), e fui-me também em delírios e devaneios pelas pradarias fétidas dos ramerrões da vida prosaica, mas sempre solitariamente ousando sonhar de olhos bem abertos e com o coração pueril batendo forte como um tambor poético que incita tudo o que há de forte e criativo em mim... E em *mins*!

Ouçam-me! Quero contar algo: vou estourar vossos cérebros com a diversão do meu sonhar exótico! Isto não é um livro. *É uma bomba!* Um chute nos fundilhos da Arte, da Literatura; brado estranho da imaginação alada, da voz dos mortos do *Ultramundo*. Um galope de centauro sem cabeça.

Escritores não são comuns, nem imortais, embora sejam rios humanos que desembocam numa cova; eu não sou um nem outro; sou uma voz que se eleva acima da multidão como o grito de um sincero sonhador de mundos de opiáceas latitudes; uma chama se acende então, não é uma vela! Ah, incendiarei o mundo com o poder das palavras, Nero que sou das letras!

* * *